

Umtali é o antigo Mutali ou Mutassa português. Faz parte da região de Manica, e foi-nos brutalmente arrancado pelos ingleses.

Até não nos respeitaram o nome. Para se lhe tirar toda a originalidade portuguesa, inverteram as primeiras duas letras e chamam agora Umtali ao que foi sempre Mutali. São tempos...

A mais importante d'estas reliquias é um vaso de ouro de fabrico antigo. Tem inscrições hieroglyphicas, que supõe-se ser as escrituras secretas dos velhos cophtas ou phenicios.

Tambem foram encontrados cêrca de vinte aneis de ouro.

São de diferentes feitios e formatos e todos deixam ver na sua confecção um grosseiro e rude trabalho nativo proprio d'aquella epoca.

Todos estes thesouros, de alta importancia para a archeologia, encontraram-se em um campo reservado para a pastagem, e já foram entregues ao administrador de Umtali.

(*Diario de Noticias*, de 20 de Outubro de 1904).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Explorações archeologicas em Mertola

Em 16 de Junho de 1904, de manhã, mandou-me a minha casa o Sr. José de Almeida Carvalhaes, Preparador do Museu Ethnologico, a seguinte noticia que vinha publicada n-*O Seculo*:

«Mertola, 15, t. — Foi hoje descoberto por uns trabalhadores, na margem esquerda do Guadiana, junto d'esta villa, e a pequena profundidade, um grande deposito de cantaros de barro de diferentes tamanhos e feitios, tendo alguns duas asas e o fundo em forma de bico, e estando muito cheios de terra e cal. O deposito parece abranger uma grande área, que devia ser explorada».

Como suppus que os cantaros seriam, e de facto eram, amphoras romanas, apenas li esta noticia telegraphei ao meu amigo o Sr. Augusto de Vargas, de Mertola, pedindo-lhe que obtivesse da respectiva autoridade a suspensão dos trabalhos, para se evitarem vandalismos, até que eu mandasse um empregado do Museu fazer escavações methodicas. O Sr. Vargas respondeu-me no mesmo dia á 1 hora da tarde com o seguinte telegramma: *Escrevendo, quando veio telegramma. Escavações ordem da Camara. Vou pedir Presidente suspensão trabalhos.* E ás 3 horas disse-me telegraphicamente mais o seguinte: *Trabalhos suspensos.* Ao mesmo tempo escrevia-me uma carta em que me relatava o apparecimento das amphoras e me enviava esboços de duas, carta que recebi em 17. Em virtude de tudo isto, encarreguei o Sr. Bernardo de Sá, Conductor de Obras Publicas em serviço no Museu, de ir proceder aos trabalhos em Mertola, para onde partiu no referido dia.

O artigo que vae ler-se, assinado por elle, é o relatório dos trabalhos a que procedeu.

D'esse artigo se vê que havia na margem esquerda do Guadiana, defronte de Mertola, antiga *Myrtilis*, um deposito de amphoras romanas, que é comparavel ao de S. Bartolomeu de Castro Marim, por mim descrito em 1898, n-*O Arch. Port.*, iv, 329 e sqq.; só, ao passo que junto do de Castro Marim se encontrou o proprio forno em que as amphoras se fabricaram, no de Mertola não se encontrou nada semelhante. Num caso e noutro os depositos ficavam perto do Guadiana, por onde as amphoras facilmente se expediam para longe. Temos assim mais um testemunho a respeito das antiguidades romanas de *Myrtilis*, já porém bastante conhecidas por outros meios; aqui mesmo n-*O Archeologo* se tem feito numerosas referencias a ellas¹.

No interessante trabalho intitulado *Los pueblos antiguos del Guadalquivir y alfarerías romanas*, Madrid 1902 (separata da «Revista de arch., bibl. y museos»), diz o Sr. Jorge Bonsor, depois de descrever varias alfarerías ou «olarias» romanas das margens d'aquelle rio: «Antes de concluir he de suplicar á mis colegas de las provincias de Huelva y de Badajoz, así como á los arqueólogos portugueses, que emprendan la exploración del Guadiana; pues todo autoriza á suponer que han de encontrar, al igual que en Guadalquivir, numerosos vestigios de alfarerías». A esse appello póde corresponder, em parte, o presente artigo; mas já antes de 1902 *O Archeologo* se tinha, como vimos, occupado do assunto.

Pena foi que das 30 amphoras que, conforme nota o Sr. Sá, se poderiam obter em Mertola, as quaes só por si constituiriam um museu ceramic, apenas se salvassem poucos exemplares.

J. L. DE V.

Por occasião de se proceder por conta da Ex.^{ma} Camara Municipal de Mertola, em terrenos pertencentes á mesma, a trabalhos de desaterro necessarios para a construcção de uma pequena estrada de serventia publica no bairro fronteiro a esta villa, na margem esquerda do Guadiana, os trabalhadores encontraram um deposito de amphoras romanas situado ao cimo do caminho que da praia conduz á dita povoação, e distante uns 3 a 4 metros da fonte publica.

O deposito, segundo informações colhidas dos proprios trabalhadores, — pois que, logo em seguida ao descobrimento, o Sr. Presidente da Camara de Mertola iniciou ahi, mais ou menos ao acaso, uma exploração archeologica, depois continuada methodicamente sob a minha direcção —, era superiormente revestido de uma camada de *opus Signinum*, com uma mão travessa de espessura, formada de alvenaria composta de tijolo triturado e taliscas de schisto. Este revestimento só

¹ III, 289; v, 239; vi, 85; viii, 100, etc.

modernamente cobria uma parte do deposito; a parte restante, atravessada por uma serventia publica, tinha desaparecido, naturalmente por causa do desgaste proveniente da continua passagem pela mesma.

O deposito apresentava a fórma de quadrilatero irregular, aberto na rocha (schisto), limitado ao poente (lado do rio) por uma parede de alvenaria ordinaria com $1^m,50$ de profundidade e $0^m,90$ de espes-

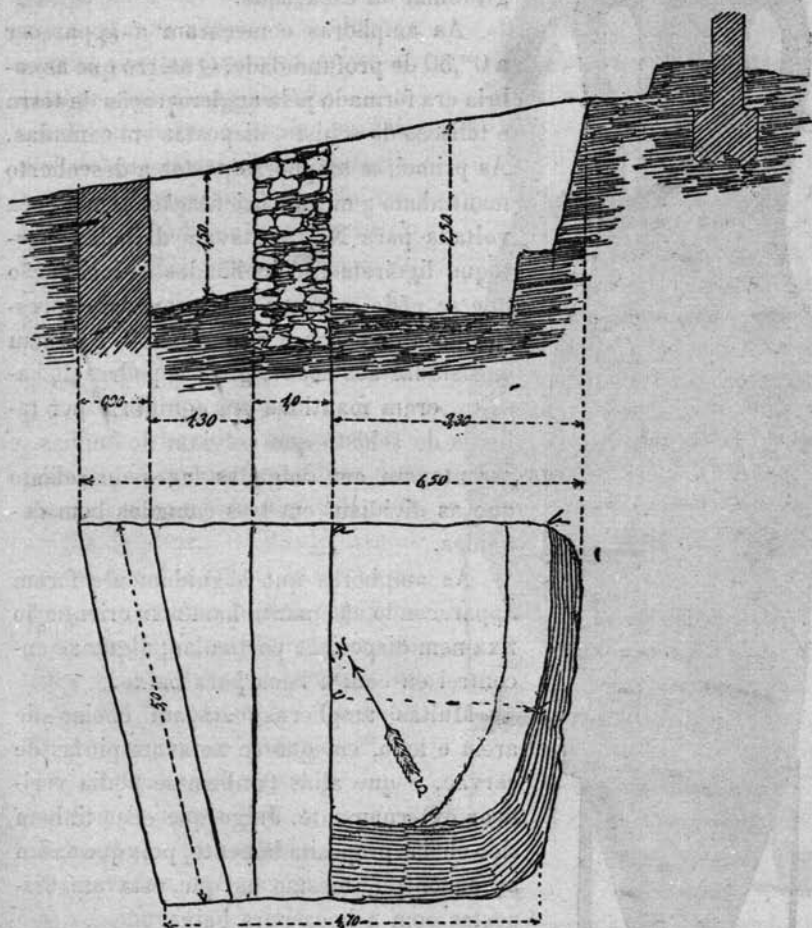


Fig. 1.^a

sura; no sentido da largura uma parede com 1 metro de espessura feita de pedra basaltica e lages de schisto argamassada com barro dividia a escavação em duas secções distinctas, e formava com a parede de alvenaria um corredor afunilado de forma trapezoidal, em que as bases tinham respectivamente as dimensões de $1^m,30$ e $0^m,20$. As restantes

paredes eram, como acima refiro, abertas na rocha: a do norte, cortada a prumo; a do sul com leve inclinação para o interior; a do nascente com identico jorrimento terminava num socalco de 1 metro de altura e 0^m,80 de largura media. As restantes dimensões vão indicadas na fig. 1.^a, planta e córte longitudinal da escavação.

As amphorás começaram a apparecer a 0^m,50 de profundidade. O atêrro que as cobria era formado pela agglomeração de terra e taliscas de schisto, dispostas em camadas. As primeiras amphoras postas a descoberto mantinham a mesma orientação, com a boca voltada para NE.; estavam deitadas, posto que ligeiramente inclinadas — inclinação que se póde explicar pela provavel depressão do atêrro sobre as mesmas —: tinham encostadas aos bocaes grossas pedras de basalto, eram mantidas em equilibrio por taliscas de schisto que serviam de cunhas, e assentavam em delgadas lages de schisto que as dividiam em tres camadas bem definidas.

As amphoras que seguidamente foram apparecendo não mantinham nem orientação fixa nem disposição particular; algumas encontrei eu com a boca para baixo.

Muitas amphoras estavam cheias de areia e lodo, em que se notavam pintas de carvão, o que aliás tambem se podia verificar externamente. Julgo que ellas tinham sido cheias propositadamente, pois que assim as encontrei, mesmo as que estavam dispostas com a boca para baixo.

Nem toda a escavação era occupada pelas amphoras, mas tão somente o quadrilatero indicado na fig. 1.^a pelas letras *a*, *b*, *c*, *d*.

No corredor *a* que já me referi, só se encontraram duas amphoras deitadas a par no solo, no sentido da largura, e com os bocaes invertidos.

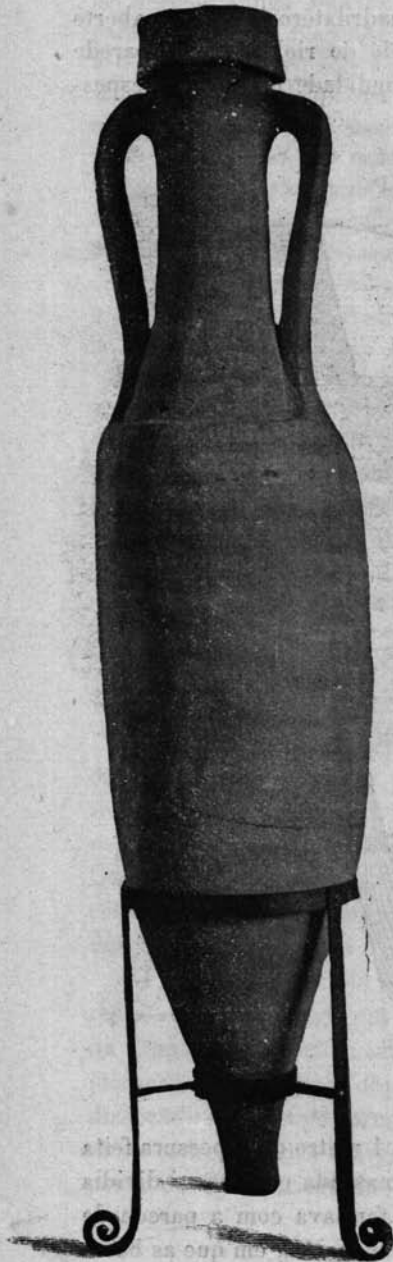


Fig. 2.^a

A parte restante da escavação tinha sido entulhada com terra e schisto, disposto sobretudo para o fundo em grandes lages e em camadas, o que parece indicar que o atêrro tinha sido feito com cuidado; disseminados por este atêrro encontrei bicos fundeiros, asas, gargalos e pedaços de outras amphoras, assim como alguns ossos de animaes, mas não colhi nenhuma moeda que lançasse luz sobre a data precisa d'esta estação.

As amphoras pareciam muitas d'ellas ser novas; na sua maioria estavam quebradas, o que foi sobretudo devido ao assentamento e pressão das terras. O numero que se obteria, caso a exploração tivesse, desde começo, sido feita com cuidado, posso computá-lo pelo menos em trinta.

Neste deposito appareceram dois typos de amphoras bem distinctos: um esguio (fig. 2.^a) com 0^m,95 de altura, 0^m,28 de diametro no bocal, e 0^m,40 de altura do gargalo; o outro, bojudo (fig. 3.^a), com as seguintes dimensões: altura 0^m,85, largura maxima do bojo 0^m,35, diametro do bocal 0^m,15, altura do gargalo 0^m,25.

De ambos estes typos eu trouxe para o Museu Ethnologico exemplares fracturados, que porém se recompuseram: dois, do typo esguio, e tres, do typo bojudo; apenas a um d'estes ultimos falta o gargalo.

As amphoras bojudas apresentavam dimensões muito aproximadas: as esguias é que differiam um pouco entre si.

A pasta é formada de barro avermelhado ou de barro amarello, mais ou menos accentuado em ambos os typos. As amphoras bojudas são de paredes mais espessas do que as esguias; nestas a espessura



Fig. 3.^a

não excede em média um centimetro, emquanto nas primeiras se eleva a centimetro e meio.

Algumas d'estas vasilhas tinham como ornamentação simplicissima em volta do bojo duas ou mais series de sulcos, gravados parallelamente.

Não pude obter para o Museu Ethnologico nenhum dos exemplares ornamentados, pois que o Sr. Presidente Antonio da Silva Fernandes os havia destinado ao Museu de Beja — onde segundo sei ainda todavia não deram entrada—; os outros exemplares reservava-os o mesmo Sr. para um problematico Museu que elle projectava fundar em Mertola.

BERNARDO ANTONIO DE SÁ

Autos¹ de posse de castellos no seculo XVI

N-O *Archeologo* foram já impressos tres autos de posse de castellos, no seculo XVI, relativos a Noudar² (v, 146), Mertola (vi, 206) e Aljezur (vi, 171), com as datas respectivas de 1516, 1535 e 1565. Agora são impressos outros tantos autos relativos, um a Sines, commenda que em tempos teve o illustre Vasco da Gama, datado de 1533 e dois a Aljustrel de 1565 e 1586. Pela leitura d'estes documentos se nos depara o facto das posses mais antigas serem as mais interessantes e as modernas, pelo contrario, serem despidas de interesse quanto á inventariação. A decadencia do logar de alcaldes-menores em carcereiros tambem é interessante notar nos dois autos de Aljustrel, bem como o estado de ruina em que gradualmente ia caindo este castello.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

1. Auto de posse do castello de Sines. 24 de Novembro de 1533

Ano do nacimiento de noso senhor Jhesu Christo de mill e quynhentos e trynta e tres anos aos xxiiij^o dias do mes de novembro em a vylla de Synes no castello e fortaleza dela estando hy diogo çalema

¹ *Auto*, do latim *actus*, corresponde ao francês *procès-verbal* e ao allemão *Protokoll*. O nosso *autoar* é o francês *verbaliser*.

² Don Juan Barroso y Dominguez, subdito hespanhol, que tinha comprado com vantagem ao Ministerio da Guerra o castello, ainda muito bem conservado, de Noudar, falleceu recentemente. Parece que pensava em restaurá-lo, pelo menos chegou — para começo — a mandar arrancar a inscripção commemorativa da fundação, a qual guardava no seu escritorio em Barrancos. Nesta povoação corria a lenda de se encontrar na velha fortificação um grande thesouro; ignoro, porém, se os trabalhos, a que procedeu ali o ultimo proprietario, lograram desvanecer no espirito publico a tradição.